

“Não tira o batom vermelho”: o feminismo na produção de conteúdo na rede¹

Eduardo Luís Noronha LIMA ²

Jéssica de Souza CARNEIRO³

Soraya Madeira da SILVA ⁴

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

A produção de conteúdo no ciberespaço tem se apropriado de pautas dos movimentos sociais, como o feminismo, transformando-se num amplo espaço de debate cultural e político. O feminismo tem tomado grande espaço no conteúdo veiculado em sites de redes sociais produzidos principalmente por mulheres. Com temáticas feministas para o YouTube, a vlogueira Jout Jout ganha visibilidade passando a ser considerada, por seu público, representante do feminismo na Internet. O objetivo deste trabalho é entender, a partir de uma análise de conteúdo e de repercussão do vídeo “Não Tira o Batom Vermelho” do canal de Jout Jout, de que forma as pautas feministas têm sido veiculadas como produção de conteúdo no Youtube, bem como compreender como a linguagem e o formato destas plataformas moldam, popularizam e modificam a agenda feminista.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo; Redes Sociais; Ciberespaço.

Introdução

Os sites de redes sociais têm servido como importante plataforma onde parece haver uma certa formação de consciência política, mobilização e resistência aos discursos dominantes, estabelecendo-se como um espaço de efervescência cultural e política no qual habitam uma diversidade de discursos, performances e ideais. Com a ascensão destas multiplataformas e frente ao atual cenário político-cultural emergente, percebe-se dentro destes espaços o aflorar cada vez maior de grupos e de indivíduos que

¹ Trabalho apresentado no IJ 5 – Comunicação Multimídia do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017, em Fortaleza-CE.

² Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Ceará (UFC), email: eduardoonl@gmail.com.

³ Doutoranda em Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Mestre em Psicologia. Bacharela em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda (UFC), email: jessiscarneiro@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora Assistente do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará. Mestre em Comunicação. Bacharela em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda (UFC), email: sorayamadeiral@gmail.com

reivindicam, por meio das redes, pautas ativistas e de lutas sociais, no sentido de manifestarem-se a favor de determinadas agendas políticas.

Neste sentido, entre os movimentos de maior expressividade, localizamos o feminismo como uma pauta política que parece ter interessado a muitos (independente do gênero) não apenas na arena política e nos espaços públicos de debate, mas no entretenimento, na publicidade e, sobretudo, na produção de conteúdo voltado para a internet. Vemos emergir inúmeros canais em plataformas de vídeo, como o Youtube, produzidos principalmente por mulheres que tratam centralmente das questões de gênero sob um viés mais político e ativista e que angariam milhares de seguidores os quais se filiam a estas causas.

Através das idealizadoras destes canais, as pautas do feminismo, que outrora eram colocadas no campo da militância e dos movimentos sociais de rua, tornaram-se mais palatáveis para o público menos politicamente engajado e transformaram o ciberespaço num lugar de debate e de ativismo interconectado por meio da rede que tem, na produção de conteúdo, um tangenciamento da agenda feminista. Vlogueiras como Júlia Tolezano, dona do canal no Youtube “Jout Jout Prazer”⁵, abraçaram o debate de gênero, principalmente no tocante a violências e abusos sofridos pela mulher, sob uma forma descontraída e que ajudaram a disseminar e popularizar o debate feminista.

Interessa a este trabalho compreender, a partir de uma análise de conteúdo do vídeo “Não tira o Batom vermelho”⁶ do canal “Jout Jout” e da repercussão entre seus seguidores, de que forma as pautas feministas têm sido veiculadas como produção de conteúdo no Youtube. Em outras palavras, se mulheres eram consideradas feministas devido a sua militância, como o movimento apropria-se do debate político no ciberespaço, entendendo suas idiossincrasias? Além disso, buscamos investigar como a linguagem e o formato destas plataformas, neste caso o Youtube, operam e discutem a agenda feminista, popularizando-a e transformando a própria agenda. Sobre tais questões nos debruçaremos a seguir.

⁵ Disponível em <<https://www.youtube.com/user/joutjoutprazer>>. Acesso em 5 de dezembro de 2016.

⁶ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=I-3ocjJTPHg>>. Acesso em abril de 2015.

1. A construção do ciberespaço

Cada vez mais presentes na vida dos internautas, as mídias sociais e as redes sociais transformaram as relações online. Apesar da similaridade de finalidade, mídias e redes sociais possuem dinâmicas diferentes. Amplamente utilizadas, as mídias sociais permitem aos usuários, além da participação, a possibilidade de produção de conteúdo.

Segundo Torres (2009):

As mídias sociais são sites na Internet que permitem a criação e o compartilhamento de informações e conteúdos pelas pessoas e para as pessoas, nas quais o consumidor é ao mesmo tempo produtor e consumidor da informação. Elas recebem esse nome porque são sociais, ou seja, são livres e abertas à colaboração e interação de todos, e porque são mídias, ou seja, meios de transmissão de informações e conteúdo. (TORRES, 2009, p. 113)

Portanto, a dinâmica das mídias sociais é a de criação de conteúdos que poderão ser consumidos ou modificados por outros usuários e atingirão novas outras audiências, havendo sempre um ciclo de propagação do conteúdo. É preciso entender que “(...) as mídias sociais são mais amplas, constituindo em um universo de sites e ferramentas que disponibilizam e compartilham conteúdos, abrindo espaço para a integração de seus usuários, formando redes sociais ou não” (ROCHA; ALVES, 2010, p. 224) e que, segundo Sotero (2009), as redes sociais fazem parte da história humana, pois o homem estabelece relações entre si e forma comunidades ou redes de relacionamentos presenciais. Na antropologia, Elias (1994 apud ACIOLI, 2007) explica as relações da rede em sua forma mais figurada:

Para ter uma visão mais detalhada desse tipo de inter-relação, podemos pensar no objeto de que deriva o conceito de rede: a rede de tecido. Nessa rede, muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca. (ELIAS, 1994 p. 35 apud ACIOLI, 2007, p. 6)

Com a noção de que as redes sociais fazem parte das mídias sociais, Recuero (2011) explica a dinâmica das redes através dos atores (ou nós da rede) e de suas conexões. Para a autora, a interação social dos atores gera laços sociais e, assim, geram conexões. Portanto, a dinâmica da rede social gira em torno dos laços e Recuero (2011) ressalta a importância da intensidade dessas conexões porque “laços fortes e fracos são

sempre relacionais pois são consequência da interação que, através do conteúdo e das mensagens, constituem uma conexão entre os atores envolvidos” (RECUERO, 2011, p. 41).

Quanto mais forte o laço, há mais intimidade entre os atores e existe a intenção de se manter a conexão, porém Granovetter (1973 e 1983 apud RECUERO, 2011, p. 41) ressalta a importância dos laços fracos pois eles conectam os grupos de laços mais fortes entre si. Portanto, podemos descrever as redes sociais como grandes aglomerados de conexões de pessoas que são ligadas através de laços, alguns mais fortes e outros mais fracos. Neste sentido, as produtoras de canais que tematizam questões sobre a mulher, como o canal Jout Jout Prazer, estabelecem-se nessa relação de conexão entre redes, laços e atores através da produção de conteúdo que é de interesse em comum com os(as) seguidores(as), intergerando este grande tecido e, principalmente, visibilizando as pautas sociais e políticas que lhes são importantes.

Com uma grande quantidade de redes sociais com premissas parecidas: adicionar amigos, publicar fotos, trocar mensagens, algumas redes ganharam atenção do usuário brasileiro nos últimos anos. Uma delas foi o YouTube, plataforma de compartilhamento de vídeos online. Os autores Burgess & Green (2009) vão além classificando o YouTube como um tipo de sistema cultural dinâmico, sendo um site de cultura participativa, uma vez que os usuários acessam a rede com fins e interesses distintos, mas acabam modelando coletivamente o conteúdo gerado para e dentro do site.

(...) seu negócio é, mais precisamente, a disponibilização de uma plataforma conveniente e funcional para o compartilhamento de vídeos on-line: os usuários (alguns deles parceiros de conteúdo premium) fornecem o conteúdo que, por sua vez, atrai novos participantes e novas audiências. (BURGESS & GREEN, 2009, p. 21)

Grande parte do conteúdo consumido na plataforma é produzida pelos *youtubers*, nome dado aos usuários que têm como profissão a criação de conteúdo para o YouTube. Deste modo, surgem nos sites de redes sociais (SRS) novas leituras de movimentos e lutas sociais que já ganhavam as ruas em protestos e manifestações e que agora se mobilizam também por meio da internet, graças à afirmação e fortalecimento destes laços que se firmam na rede. Dentre eles, destaco aqui o movimento feminista, que

ganha novos contornos na sua relação e construção dentro dos SRS.

Presente cada vez mais nos SRS, o feminismo no Brasil ganha mais adeptas e novas frentes. Para Branca e Pitanguy (p. 73, 1985), uma das pautas “tem sido também a denúncia da desvalorização da mulher, manifesta nas mais variadas expressões da nossa cultura”. A facilidade de propagação que a Internet proporciona impactou de forma extremamente necessária o movimento no Brasil. Grupos feministas ganharam espaço em redes sociais e páginas da web, espalhando as suas ideias, desconstruindo padrões e atraindo mais mulheres para a causa.

2. A ascensão feminista na rede

A Internet tornou-se uma ferramenta extremamente útil na luta feminista. A disseminação da informação foi uma aliada para a educação e adesão de novas participantes do movimento, com isso, ferramentas de busca tiveram um aumento no número de pesquisas sobre os termos “feminismo” e “empoderamento feminino”. A propagação de informações e ideias, que as redes sociais trouxeram às mulheres, foi fundamental para a união entre mulheres e na consciência da necessidade da sororidade⁷. Foi por isso que, durante 2015, mulheres se juntaram e não permitiram-se ficar caladas.

As redes sociais viraram palco para mobilizações de mulheres ao redor do Brasil. Campanhas que denunciavam abusos e atitudes machistas fizeram parte de todo o ano e, cada vez mais, traziam novas mulheres a lutarem pelo fim da cultura machista. Diversas marcas foram boicotadas por promoverem desigualdade de gênero e por objetificarem as mulheres, assim como, as muitas e importantes marchas organizadas por mulheres e para mulheres que reuniram milhares de participantes por todo País.

Todo esse movimento ganhou notoriedade em veículos de comunicação e tornou-se pauta em revistas, jornais e virou até tema da redação do ENEM 2015, que colocou mais de 5 milhões⁸ de pessoas para refletirem da triste inferioridade que a

⁷ Sororidade é a união e aliança entre mulheres, baseado na empatia e companheirismo, em busca de alcançar objetivos em comum.

⁸ Disponível em <http://g1.globo.com/educacao/noticia/leia-redacoes-do-enem-2015-que-tiraram-nota-maxima.ghtml> Acesso em 20/01/2017.

mulher ainda vive no Brasil.

Ao longo dos anos muitas mulheres ganharam notoriedade por lutarem por igualdade, justiça e liberdade das mulheres. Com a era das redes sociais, a Internet ganhou diversas representantes ativas da luta feminista. Muitas delas produzem conteúdo educativo e necessário para a luta

2.1. O fenômeno Jout Jout e o feminismo na produção de conteúdo do Youtube

A carioca Júlia Tolezano, autora e dona do canal Jout Jout Prazer é umas das mais influentes *youtubers* do Brasil atualmente. Seu vídeo mais famoso⁹ trata de relacionamentos abusivos e empoderamento feminino. Em fevereiro de 2015, o canal Jout Jout publica o vídeo “Não tira o batom vermelho” que fala sobre situações típicas de relacionamentos abusivos. A *youtuber* cita que muitas pessoas não notam que estão enfrentando relações assim e que outras pessoas fingem não notar.

Os exemplos citados no vídeo foram coletados em um grupo do Facebook após Júlia pedir para que outras pessoas contassem suas histórias em relacionamentos abusivos. No vídeo, a vlogueira salienta que esses abusos podem ocorrer entre casais independente da orientação sexual.



Figura 1: Trecho do vídeo “Não tira o batom vermelho” do canal Jout Jout, em fevereiro de 2015.
Fonte: próprio autor.

⁹ De acordo com o perfil JoutJout Prazer (<https://www.youtube.com/user/joutjoutprazer/videos>) no YouTube. Até dezembro de 2016, o vídeo possuía mais de 2,6 milhões de visualizações, sendo assim, o vídeo temático mais assistido do canal da *youtuber*.

O título do vídeo refere-se ao momento em que a *youtuber* questiona se o companheiro do(a) espectador(a) já havia falado para limpar o batom vermelho da boca. Esse exemplo surgiu após uma conversa que Júlia teve com uma amiga da Internet, em que ela relata que seu namorado, na época, mandou ela tirar o batom vermelho da boca dizendo que ela estava com “*cara de puta*”. O fato de usar uma linguagem mais informal no vídeo, mostra que Jout Jout busca conscientizar e alertar os espectadores de forma simples e didática.

Ainda durante o vídeo, Júlia explica o comportamento de uma pessoa que está passando pela situação do abuso. A jornalista salienta que, devido as agressões, as vítimas tornam-se pessoas tristes e que constroem pensamentos de que são incapazes de encontrarem outros parceiros que a aceitem com os seus “defeitos”. Ela ainda fala sobre as imposições do homem sobre as mulheres durante os relacionamentos abusivos, onde buscam inferiorizá-las e reafirmarem a necessidade de dependência da mulher com o agressor.

Ao final do vídeo, a *youtuber* incentiva o empoderamento feminino e encoraja as mulheres a “não tirarem o batom vermelho”, em uma alusão ao fato de não permitirem-se continuar em relações abusivas. As espectadoras do vídeo, por identificarem-se com a mensagem, começaram a usar a *hashtag* #NaoTiraOBatomVermelho em mobilização contra relacionamentos abusivos. Nas redes sociais, mulheres começaram a publicar fotos usando batom vermelho e utilizando a *hashtag* da campanha.

Alguns dias após a publicação do vídeo, Jout Jout divulgou um texto¹⁰ em sua *fanpage* do Facebook na qual dizia estar impressionada com a repercussão que o vídeo havia tomado. Disse que, no meio das inúmeras mensagens que recebeu de vítimas, ela havia recebido mensagens de quatro pessoas, entre homens e mulheres, que perceberam que eram os agressores da relação. Mais adiante, a *youtuber* agradece a todas as pessoas que aderiram a campanha não planejada e que publicaram fotos

¹⁰

<<https://www.facebook.com/prazerjoutjout/photos/a.813390772031305.1073741828.812422202128162/814547491915633/?type=3&theater>> Acesso em: 14/01/2017 às 16h00.

acompanhadas da *hashtag* #NaoTiraOBatomVermelho. “Por causa de todos vocês esses 4 seres incríveis viram as marcas que um relacionamento esquisito pode deixar e o quanto dá pra machucar uma pessoa amada.” disse Jout Jout. Ela encerra a mensagem encorajando seus seguidores a erguerem a cabeça e usaram batom, não somente vermelho, e sim, da cor que quiserem.

2.2. Uma análise da repercussão do vídeo “Não tire o batom vermelho”

Com o sucesso do vídeo e os inúmeros relatos e comentários recebidos por Jout Jout, muitos portais passaram a considerar uma representante do feminismo na Internet, afinal, a *youtuber* falava de temas considerados tabus - como masturbação feminina, relacionamentos abusivos, etc. - e que não eram abordados por outras mulheres na plataforma e ela, de forma espontânea, empoderava mulheres com seus discursos. Buscando analisar se Júlia trouxe algum impacto para a causa feminista na Internet e entender o que seu público achava dela, foi selecionado o vídeo “Não tira o batom vermelho” para um estudo de caso, pois para Yin (1983):

Como esforço de pesquisa, o estudo de caso contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos. (...) O estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real - tais como ciclos de vida individuais, processos organizacionais e administrativos, mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de alguns setores. (YIN, 1983, p. 21)

A escolha do vídeo deu-se devido ao sucesso que ele obteve na Internet, levando em conta o número de visualizações e sua repercussão na mídia. Para saber se o público acha que Jout Jout representa o feminismo na Internet, de forma online, foi realizada uma pesquisa qualitativa com cinco perguntas abertas, destinada somente à mulheres. A pesquisa questionava: “Você conhece a *youtuber* Jout Jout? Se sim, como você conheceu a *youtuber*?”, “Em fevereiro de 2015, a *youtuber* Jout Jout publicou o vídeo “Não tira o batom vermelho”. Como você ficou sabendo do vídeo?”, “Você compartilhou com alguém ou em alguma rede social? Se sim, qual?”, “Qual momento do vídeo chamou mais a sua atenção?” e “Você considera a *youtuber* Jout Jout uma representante do feminismo na Internet? Se sim, por que você considera isso?”. A

pesquisa esteve online durante 28 de novembro de 2016 até 19 de janeiro de 2017 e contou com 60 respostas de mulheres de diversas partes do Brasil, com maior incidência nas cidades de Fortaleza, São Paulo e Rio de Janeiro.

Na coleta de dados demográficos, notou-se que o público de Jout Jout é adulto¹¹. Suas espectadoras estão na faixa etária entre 22 e 25 anos somando 56,7% das participantes da pesquisa.

Nas respostas da pergunta: “Você conhece a *youtuber* Jout Jout? Se sim, como você conheceu a *youtuber*?”, dentre as 60 respostas recebidas, somente uma delas não conhecia Júlia. Desse universo de 98% das mulheres que conheciam a *youtuber*, 61% conheceram por conta de amigas e amigos, enquanto que 11% delas conheceram Jout Jout diretamente pelo vídeo “Não tira o batom vermelho”. As outras 28%, tiveram contato com a jornalista através de outros vídeos dela no YouTube, de outros criadores de conteúdo que indicaram ela e através de pesquisa sobre *youtubers* e livros feministas.

Sobre como ficaram sabendo do vídeo “Não tira o batom vermelho”, 98% das mulheres que conhecem Jout Jout, 38% responderam que foi através do próprio canal de Jout Jout, algumas delas listam que já eram inscritas antes do vídeo e que receberam a notificação, outras, conheceram diretamente através do canal. Já 33% das mulheres disseram ter sido através do Facebook. Os 29% restante agrupam mulheres que conheceram através da repercussão em outras redes sociais, portais de notícias e através de outros *youtubers*.

Considerando 98% das entrevistas que conhecem Júlia, ao serem questionadas se haviam compartilhado o vídeo “Não tira o batom vermelho” em alguma rede social, 64% disseram que tinham compartilhado e 60% desses compartilhamentos foram através do Facebook. Os outros 40% foram através de outras redes sociais como Twitter e por ferramentas de bate-papo, como o Whatsapp. Algumas delas mostram o vídeo para amigas pessoalmente.

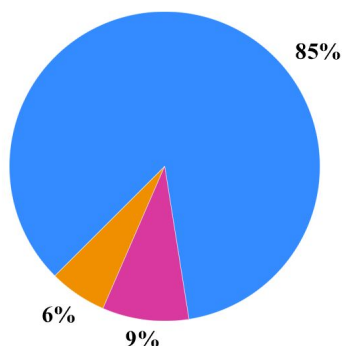
Gráfico 02: Qual momento do vídeo

Gráfico 03: Você considera a *youtuber*

¹¹ Considera-se adulta a pessoa na faixa etária dos 19 aos 59 anos, tomando como referência o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990), que abrange crianças até os 11 anos de idade e adolescentes entre 12 e 18 anos, assim como o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741 de 01 de outubro de 2003) que define a pessoa idosa como aquela que tem 60 anos ou mais.

chamou mais a sua atenção?

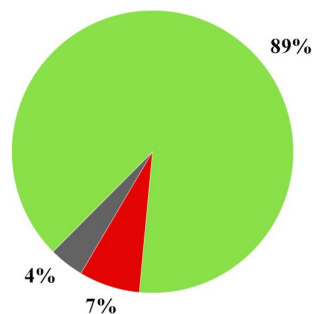
■ EXEMPLOS REL. ABUSIVOS ■ VÍDEO TODO ■ OUTROS



Fonte: Pesquisa online realizada com 60 mulheres entre 28 de novembro de 2016 e 19 de janeiro de 2017.

Jout Jout uma representante do feminismo na Internet?

■ SIM ■ NÃO ■ NÃO SOUBE OPINAR



Fonte: Pesquisa online realizada com 60 mulheres entre 28 de novembro de 2016 e 19 de janeiro de 2017.

Das 59 mulheres que conhecem a *youtuber*, da amostra de 60 mulheres participantes da pesquisa, 90% delas - 54 entrevistadas - responderam de forma positiva de que haviam sido impactadas com alguma momento do vídeo. Em relação ao momento específico, o que mais chamou a atenção das entrevistadas, cerca de 85%, é quando Jout Jout exemplifica situações de relacionamentos abusivos. As mulheres dizem que os exemplos dados no vídeo são de situações tão corriqueiras que elas acabavam não notando que eram definições de relacionamentos abusivos e que isso foi uma surpresa. “O vídeo inteiro me chamou atenção porque eu nunca havia me dado conta que aqueles relacionamentos que ela citou eram abusivos. Até assistir o vídeo, considerava aquilo ‘comum’”, disse uma das entrevistadas. As outras 9% falavam que o vídeo chamou a sua atenção como um todo. Já 6% mencionaram outros momentos, como o que a *youtuber* desmente as ideias de que a mulher precisa estar com alguém pra ser feliz e completa dizendo as pessoas só conseguem ser felizes com alguém, quando são felizes sozinhas.

Do universo de 98% de mulheres que conhecem Jout Jout, 89% das entrevistadas responderam que consideram a Júlia uma representante do feminismo na Internet. No complemento da resposta, elas acreditam que a *youtuber* tornou-se uma representação do movimento com o tempo e que tem, cada vez mais, levantado a bandeira da causa. As entrevistadas destacam que Júlia traz a discussão feminista de

forma mais aberta e “palatável”, de uma maneira que consegue acessar pessoas que não são familiarizadas com o movimento, assim como citam que, apesar de não ter conhecimento teórico sobre o movimento feminista, a *youtuber* aborda temas essenciais para uma introdução de forma lúdica. Já 7% das entrevistas não consideram Jout Jout uma representante do feminismo na Internet. Para elas, o discurso da jornalista é raso e não acrescenta em nada ao movimento. Enquanto que a parcela de 4% que não soube opinar, frisa que não conseguiram chegar a um posicionamento por acharem que canal de Jout Jout não possui o foco somente no feminismo.

Ao ser considerada, por seu público, como representante do feminismo na Internet, Júlia, em entrevista ao G1¹², disse que não procurava levantar bandeiras em seu canal, mas que, após a enorme repercussão do vídeo “Não tira o batom vermelho”, foi estudar mais a fundo o movimento feminista e notou que “ela e o feminismo se encaixam perfeitamente”. Como citado, a forma descontraída e didática na qual Jout Jout aborda temas de cunho feminista tornou-se um atrativo e um diferencial em seu canal.

Sem pretensões e sem muito estudo, a *youtuber* começou a disseminar um discurso feminista que conquistou muitas jovens que não conheciam a causa e acabou chamando a atenção de grupos feministas que já estavam presentes na Internet. Sendo considerada, por suas espectadoras, como uma imagem do feminismo na Internet, Jout Jout passou a procurar mais sobre o tema e continuou criando conteúdo leve e, ao mesmo tempo, informativo.

Os resultados da pesquisa online aplicada somente com mulheres afirmam a influência da produção de conteúdos de Júlia como referência da luta feminista na Internet, fazendo inclusive que seu engajamento no movimento, hoje, seja mais notório. No começo de seu canal, seu discurso e seu foco não eram totalmente ligados ao feminismo, mas com o aumento de sua popularidade, principalmente após o vídeo “Não tira o batom vermelho”, e ao notar que havia gerado, de forma espontânea, engajamento e ligações com outras milhares de mulheres, criando uma comunidade virtual de fãs e

12

<<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2015/06/youtuber-jout-jout-conta-que-ela-e-o-feminismo-se-encaixam-perfeitamente.html>> Acesso em: 15/01/2017 às 13h00.

seguidores, a *youtuber* Jout Jout passou a usar a sua influência para abordar temas mais ligados ao feminismo e ao empoderamento feminino, tornando-se uma representante do movimento na Internet.

Como citado durante a pesquisa realizada com suas espectadoras, Jout Jout virou uma porta de entrada para o entendimento do movimento feminista. Seu tom descontraído e didático de falar sobre o feminismo, o empoderamento feminino, a sororidade e outros diversos temas tabus está atingindo, de forma positiva, muitas mulheres por toda a Internet e fazendo-as procurarem e engajarem-se na luta.

3. Considerações finais

O espaço virtual é um novo ambiente de encontro de milhões de internautas todos os dias. São redes sociais, plataformas interativas, aplicativos de mensagens, etc. Todas essas ferramentas expandiram as relações no ciberespaço e, de fato, acrescentaram à experiência da navegação. Enormes comunidades virtuais surgiram para discutirem sobre determinados temas do mundo virtual, ao passo que temas do mundo real, como pautas e movimentos sociais, viram nas redes sociais uma forma de propagação dos ideais de sua luta. Sempre presente na sociedade, o movimento feminista tornou-se motivo para encontros de milhares de mulheres todos os dias nas redes sociais, criando grandes comunidades virtuais que discutem a presença da mulher, e todos os problemas enfrentados por elas, na sociedade moderna.

Era hora de colocar o feminismo na Internet e chamar a atenção de mais mulheres para a luta. Aos poucos, novas páginas foram criadas e houve uma disseminação da informação. Como analisado durante a pesquisa, durante o ano de 2015, as mulheres foram às redes sociais em busca de respeito, juntas, denunciaram atitudes machistas e de abuso e propagaram o empoderamento feminino. O movimento feminista encontrou na Internet um respiro para reinventar-se e atingir as mulheres do amanhã.

Jout Jout, que iniciou seu canal no YouTube para superar medos, viu uma enorme comunidade virtual formar-se ao seu redor, seus fãs, conhecidos como Família Jout Jout, residem em diversas partes do Brasil e conseguem conectar-se uns aos outros através da Internet e dos vídeos da *youtuber*. A comunidade, que era menor antes do

vídeo “Não tira o batom vermelho”, ganhou novos participantes após a viralização do material e catapultou Jout Jout para o patamar de influenciadora digital. Com mais visibilidade advinda, principalmente, do seu discurso feminista no vídeo viral, a jornalista passou a investir nos temas que interessavam boa parte de seu novo público sem ferir os gostos dos fãs mais antigos, pois, algo que tornou-se marca registrada nos vídeos de Júlia é a sua espontaneidade e leveza para falar dos mais diversos temas, incluindo assuntos banais, tabus e pautas importantes para o empoderamento feminino.

Também fica clara a noção de que a jornalista não tinha o discurso feminista totalmente explícito em seus vídeos. Ela trabalhava temas pró-mulheres e a favor do empoderamento feminino, mas não os referenciava ao feminismo. A leve mudança de tom ocorreu após a explosão do vídeo, pois, no começo do vídeo, Jout Jout comenta o fato de que estava conversando com uma mulher desconhecida e que, após a conversa, ela viu a necessidade de falar sobre aquele assunto, por saber que, de alguma forma, ela poderia alertar outras pessoas ao problema que era tratado. Na sequência, a *youtuber* ainda indica a sua presença em grupos formados somente por mulheres, onde elas sentiram-se à vontade para compartilhar suas histórias com outras desconhecidas, mostrando a força da sororidade. Jout Jout praticava e vivenciava esses atos sem saber de fato que ela, de alguma forma, ajudava o movimento.

O vídeo ganhou destaque por todo o País e gerou uma campanha espontânea reproduzida por várias mulheres com o intuito de dar um basta em relacionamentos abusivos. Foi a partir desse ponto que, Jout Jout foi criando sua imagem de representação do feminismo. Cada vez mais requisitada em eventos para falar sobre o vídeo e suas percepções de mundo, a *youtuber* passou a criar mais conteúdos de cunho feminista, mas continuando a explicar os temas de forma didática e digestiva. Uma das respostas da pesquisa, inclusive, salientou que Jout Jout não é tão teórica em seus vídeos feministas, mas que, seus temas acabam tornando-se portas de entrada para um estudo mais aprofundado da espectadora.

Ao fim dessa pesquisa, pode-se notar a importância que a Internet possui em nossas vidas. Novas relações são construídas com os seus avanços. Assim como, o rápido acesso a informação é fundamental para a educação. Hoje, os ídolos dos jovens

não são mais encontrados somente em meios de comunicação tradicionais, mas sim, nas Internet. A ideia de uma relação mais próxima que as redes sociais causam entre influenciadores digitais e usuários, é uma aliada importantíssima para questões como a de Jout Jout: mulheres mais novas espelham-se em seu posicionamento empoderado e livre de ser e buscam aquilo para as suas vidas e para outras mulheres. Pessoas como a *youtuber* devem ser cada vez mais presentes na Internet, pois são eles que abrem o leque de informações para as novas gerações.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. 1985.
- BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. São Paulo: Aleph, 2009.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura** / Pierre Lévy; tradução de Carlos Irineu da Costa - São Paulo: Ed. 34, 1999.
- RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Sulina, 2011.
- RECUERO, Raquel. 12. **Comunidades virtuais: uma abordagem teórica**. Mídia, imprensa e as novas tecnologias, v. 24, p. 221, 2002.
- RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades Virtuais no IRC: o caso do # Pelotas** - um estudo sobre a comunicação mediada por computador e a estruturação de comunidades virtuais.
- SOTERO, Frederico. **As redes sociais são um futuro da internet**. E qual seria o futuro das redes sociais, 2009.
- TORRES, Cláudio. **A Bíblia do Marketing Digital**. 2 ed. São Paulo: Novatec, 2009